



# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: LUTAS E CONQUISTAS

Sheila Maria Rosin, Antonio Carlos Andrade Gonçalves,  
Mirian Marubayashi Hidalgo

<sup>1</sup>Programa de Educação Tutorial  
Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Maringá, PR – Brasil

{sheilarosinuem, mirianmhidalgo}@gmail.com, acagoncalves@uem.br

**Abstract.** *The Tutorial Education Program (PET), created in 1979, strengthens the quality of higher education through the inseparability between research, teaching and extension. Thus, the aims of this article are to 1) rescue the history of PET through the main legal frameworks of the program, especially from 2005 onwards, and 2) to analyze the importance of the Union of PET groups from UEM (UniPET) in the constitution and maintenance of this Program destined for the graduation.*

**Resumo.** *O Programa de Educação Tutorial (PET), criado em 1979, consolida a busca de um ensino superior de qualidade por meio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Desta forma, os objetivos deste artigo são: 1) resgatar a história do PET pela sistematização dos principais marcos legais do Programa, especialmente a partir de 2005, e 2) analisar a importância da União dos grupos PET da UEM (UniPET) na constituição e manutenção desse Programa destinado à graduação.*

## 1. Introdução

O Brasil tem buscado ações consistentes no sentido de reverter um cenário desfavorável em termos de domínio do conhecimento e do processo de educação da sua população. O plano nacional de Pós-graduação, responsável por canalizar grande parte dos esforços e dos recursos destinados à ciência e tecnologia, incorpora o princípio de que o sistema educacional é fator estratégico no processo de desenvolvimento socioeconômico e cultural da sociedade brasileira. Esta visão o faz sintonizado com a chamada era da informação, na qual a posse do conhecimento, mais que em qualquer outro momento da história da humanidade, determina as condições de vida na sociedade. O desenvolvimento e a qualidade de vida de uma nação dependem de seu nível cultural e científico, o que pode ser determinado pela qualidade do seu ensino superior.

Contudo, a universidade pública brasileira é fortemente elitista, uma vez que um percentual muito reduzido da população (menos de 10%) tem acesso a ela, o que caracteriza um cenário altamente restritivo no qual, evidentemente, os indivíduos oriundos das classes sociais que compõem o topo da pirâmide social têm probabilidade maior de ocuparem os poucos espaços disponíveis. Para completar o cenário desfavorável em torno da educação superior no Brasil, destaca-se, conforme descrito por Ristoff (2000), a crise de modelo, segundo a qual a universidade sofre as consequências de uma questão cultural, o que determina que a ascensão social, o atendimento dos interesses individuais se

sobreponham à prioridade que deveria ser dada aos interesses da sociedade, no processo de formação universitária.

Embora sejam evidentes os avanços ocorridos nas últimas décadas, não se pode ignorar que esta trajetória da universidade no Brasil traz hoje o ensino superior para uma condição na qual os vínculos são ainda um tanto quanto tênues com o propósito precípua de consolidar conhecimento como mecanismo de evolução social. A trajetória da universidade, delineada pelas diretrizes vigentes em períodos anteriores, converge para a situação atual do ensino superior na qual, em grande extensão, a docência é entendida como transmissão rápida de conhecimento, ignorando-se as inter-relações entre as disciplinas e desprezando-se a importância da relação professor-aluno. Busca-se o preparo rápido e direcionado para o mercado de trabalho. Pesquisa é menos o conhecimento das relações causa-consequência e mais o exercício de gerenciamento dos meios em torno de alguma coisa. Extensão se esvazia por ausência de um compromisso da organização com a sociedade, sua mantenedora, que dela espera, muitas vezes em vão, um retorno em termos de subsídios para uma vida melhor, em condições sustentáveis.

A busca do preenchimento deste vazio levou à geração de algumas iniciativas. A mais consistente e abrangente é a que busca na educação tutorial os meios para superar as profundas deficiências percebidas no modelo atual. Tendo sido identificadas as lacunas existentes na educação superior durante os anos 1970, ao final da mesma, uma ideia revolucionária é colocada em ação na universidade brasileira, dando mostras da capacidade deste povo de enfrentar o cenário desfavorável em torno da educação superior: trata-se do Programa Especial de Treinamento (PET), colocado em prática a partir de 1979. Seu propósito primeiro era de contrapor, às diretrizes desfavoráveis norteadoras do nosso ensino superior, a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão. O programa PET, criado em 1979, na CAPES, também objetivava a formação de indivíduos de melhor qualidade para serem futuros líderes, nos mais diversos segmentos da sociedade organizada. Procura-se, a partir da educação tutorial, formar indivíduos de qualidade individuais amplas (técnicas, culturais, políticas), com iniciativa, com disponibilidade, engajamento, fidelidade, ética, os quais tivessem curiosidade para o aprendizado, persistência, boa apresentação pessoal, habilidade para lidar em grupo, cordialidade, bom humor, que compreendessem, sobretudo, o conceito de responsabilidade social inerente à sua condição.

A história do Programa, desde sua criação em 1979 até o ano de 2005, foi sistematizada em seis fases (MÜLLER, 2003; MARTIN, 2005) as quais denominamos de pré-institucionalização. Mas, a partir da publicação da Lei nº 11.180/2005, as das portarias nº 3.385/2005 e nº 976/2010, reformulada em 2013, e do Manual de Orientações Básicas do PET (2006) inaugura-se um novo período na organização do Programa o qual podemos denominar de pós-institucional.

Ao longo da última década, o PET passou por substanciais mudanças. Sobre tudo com o advento da substituição dos tutores após decorridos seis anos de tutoria, é expressiva a probabilidade de que a experiência acumulada ao longo dos anos seja, ainda que parcialmente, perdida no transcorrer do processo. Grupos novos, ou mesmo grupos com novos tutores, podem fixar diretrizes para as suas ações que os afastem, em algum nível, do cerne do programa, dos seus paradigmas fixados originalmente. Entende-se que estes paradigmas são os principais responsáveis pelo êxito e pela consolidação do PET,

ao longo da sua história.

Assim, estabeleceu-se como objetivo deste trabalho a abordagem destes referenciais, como meio para se estabelecer um marco para os grupos PET no país, nos anos vindouros. Além disto, procurou-se resgatar a história pela sistematização dos principais marcos legais do PET, especialmente a partir de 2005 e analisar a importância da União dos grupos PET da UEM (UniPET) na constituição e manutenção desse Programa destinado à graduação.

## 2. O Programa de Educação Tutorial: marcos legais

O Programa de Educação Tutorial (PET), criado como Programa Especial de Treinamento, foi implementado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no ano de 1979 e idealizado pelo então diretor da Fundação Prof. Dr. Claudio de Moura e Castro<sup>1</sup>. Moura e Castro (1999), pretendeu a criação do programa aos moldes do que já existia na Faculdade de Economia e Administração de Minas Gerais, que selecionava cinco ou seis dos melhores alunos de cada turma que receberiam uma bolsa para formarem grupos de estudos. Esta iniciativa, por sua vez, baseou-se nos programas das universidades inglesas e americanas, nestas “o Honor Programs, treinamento avançado em disciplinas mais rigorosas, destinadas aos melhores alunos” (MÜLLER, 2003, p. 23).

A história do Programa, desde sua criação em 1979 até o ano de 2005, foi sistematizada em seis fases: 1) 1979- 1985 – experimental; 2) 1986-1989 – institucional; 3) 1990-1992 – fase da expansão desordenada; 4) 1993-1994 – fase de consolidação; 5) 1995-1997 – desestruturação interna; 6) 1998-2005 – desestruturação interna e externa (MULLER, 2003).

Estas fases podem ser denominadas de “pré-institucionalização” pois até então, apesar do Programa ter sido criado em 1979, não havia nenhuma legislação específica sobre o seu funcionamento. Sem a definição de políticas públicas norteadoras o Programa oscilava ao sabor dos interesses e das ideologias dos partidos que assumissem o poder. Desta forma, não havia efetividades nas ações de funcionamento do Programa: não havia base legal para o pagamento de bolsas de tutores e petianos, para o pagamento de taxas acadêmicas, não havia uma secretaria que realmente fosse responsável pela estrutura administrativa do Programa, fazendo com que o mesmo estivesse constantemente ameaçado de extinção.

Os períodos que se seguem ao ano de 2005 de “pós-institucionalização”, pois a Lei nº. 11.180 de setembro de 2005 cria o Programa, dando-lhe uma base legal e estrutural. Desta forma, o Programa foi regulamentado pela Lei nº. 11.180 de 23 de setembro de 2005 que no caput do artigo 12º o define como “destinado a fomentar grupos de aprendizagem tutorial mediante a concessão de bolsas de iniciação científica a estudantes de graduação e bolsas de tutoria a professores tutores de grupos PET”.

Na portaria nº 3.385 de 29 de setembro de 2005 o Ministério da Educação no exercício do ministro da educação Fernando Haddad tendo em vista o disposto da lei nº

---

<sup>1</sup>Em 2003, durante o VIII ENAPET, o então ministro da Educação Cristovam Buarque passa a denominar o PET de Programa de Educação Tutorial, denominação que se tornou oficial com a portaria n.19 de 2004.

11.180 resolve, em 27 artigos, sobre as disposições legais aplicáveis ao Programa (Art. 1º).

O Art. 2º da referida portaria concebe o PET como “um programa de educação tutorial desenvolvido em grupos organizados a partir de cursos de graduação das instituições de ensino do País, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. O artigo possui cinco incisos que dispõem sobre os objetivos do Programa, quais sejam: desenvolver atividades acadêmicas de alto padrão de qualidade (I); contribuir para a qualidade de formação do aluno de graduação (II); estimular a formação científica, tecnológicas, acadêmica e técnica dos profissionais e dos docentes (III); formular estratégias de desenvolvimento e de modernização do ensino superior (IV) e estimular o espírito crítico e a formação profissional pautada na cidadania e na função social da educação superior (V).

Novos direcionamentos ao Programa são dados pela Portaria nº 976 de 27 de Julho de 2010, republicada em 2013, que no Art. 3º determina que o PET se organizará academicamente a partir de formação em nível de graduação, mediante a organização de grupos de estudantes sob a orientação de um professor tutor. Este Artigo possui 7 parágrafos que definem que as atividades desenvolvidas pelo Pet devem continuar a envolver ensino, pesquisa e extensão e que os grupos contribuam para o implementação políticas públicas e de desenvolvimento em sua área de atuação.

### 3. Os grupos da Universidade Estadual de Maringá

Ao sistematizar os principais fatos ocorridos no PET, deve ser destacado o importante papel desempenhado pelos grupos da Universidade Estadual de Maringá (UEM) no cenário institucional, regional e nacional, na constituição e manutenção do Programa, quer seja por sua contribuição política, filosófica, administrativa, operacional, entre outras.

A Universidade Estadual de Maringá conta com 15 Grupos PET, criados a partir do ano de 1991, cuja estrutura administrativa encontra-se na Pró-reitoria de Ensino (PEN)<sup>2</sup>. Os primeiros grupos do então Programa Especial de Treinamento no UEM foram implantados na denominada fase da expansão desordenada (1990-1992) (MÜELLER, 2003). Em 1991, iniciaram suas atividades os grupos PET-Educação Física, Engenharia química, Física, Informática e Química, seguido pelo PET-Agronomia em 1992. Durante a fase de consolidação (1993-1994), especificamente em 1994, houve a inclusão do Pet Odontologia. Em meio à desestruturação interna do Programa (1995-1997), resultado das mudanças da política para o ensino superior no país, foram criados os grupos PET-Economia e Farmácia em 1995 e PET-Pedagogia e Zootecnia em 1996.

Havia, portanto, 11 grupos PET na UEM no ano de 1997, enquanto o panorama nacional reportava a existência de 317 grupos em 59 Instituições de Ensino Superior (NEVES, 2003). Seguiu-se o período de desestruturação interna e externa (1998-2005) no qual não mais se expandiu o Programa.

Novos grupos só foram criados na UEM a partir de 2009, grupo PET-Enfermagem, no período de importante reestruturação do Programa iniciado em 2005, no qual foram

<sup>2</sup>Sendo eles: Pet Física; Pet Engenharia Química; Pet Educação Física; Pet Agronomia; Pet Odontologia; Pet Química; Pet Economia; Pet Informática; Pet Farmácia; Pet Pedagogia; Pet Zootecnia; Pet Enfermagem; Pet Matemática; Pet Engenharia Civil e Pet Engenharia Têxtil.

estabelecidas metas para a sua consolidação e expansão. O grupo PET-Matemática teve início em 2010, no contexto da imposição da Portaria 976, elaborada sem a participação da comunidade petiana e modificando suas diretrizes de modo a abrigar o Programa “Conexões de Saberes”. Em 2012, foram implantados os grupos PET-Engenharia Civil e Engenharia Têxtil, este último no câmpus Goioerê, da UEM.

Totalizando 15 grupos PET na UEM, eles se organizam no chamado UniPET (União dos grupos PET da UEM). Concebido como “gênese reativa”, que motivou a reação nacional contra a destruição do PET, nos anos 1997-99 (NEVES, 2003), desde então vem atuando ininterruptamente, com reuniões quinzenais nas quais participam a maioria dos integrantes de todos os grupos, inclusive os tutores, e cujas atividades se modificam segundo o momento vivenciado pelo Programa. De uma atuação eminentemente política no princípio, o UniPET passou, no decorrer dos anos, a atividades e discussões mais amplas de cunho social e voltadas à melhoria da graduação e à maior integração de seus integrantes.

A partir do ano de 2003, as reuniões administrativas do UniPET passaram a ter o arquivo dos registros de todas as decisões tomadas pela comunidade petiana por meio de atas redigidas pelos representantes dos grupos, em sistema de rodízio, e submetidas a aprovação na reunião subsequente. O PET-Engenharia Química se tornou responsável pela guarda do livro-ata, sendo a 61ª reunião, do dia 8 de agosto de 2003, a primeira mantida como memória viva desses encontros. A lista de presença de tutores e acadêmicos e seu controle ficaram a cargo do PET-Informática, dispensado da tarefa de redação das atas. Em 08 de dezembro de 2006, as atas das reuniões passam a ser enviadas pela rede UniPET e o PET-Engenharia Química segue com o encargo de imprimi-las e arquivá-las.

Se até 1994 o PET vivenciou a sua consolidação no cenário nacional, a partir de 1995 seguiu-se um processo conturbado de desestruturação interna e externa. Com as ameaças de extinção, forçou-se o nascimento de uma resistência no interior da comunidade petiana, a qual foi o berço para o nascimento do caráter político do Programa. O ambiente petiano propiciava isso.

Os grupos eram formados por alunos que desenvolviam atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão de forma integrada, que aprimoravam sua formação holística com atividades de formação humanística e cultural, assim como eram estimulados a efetuarem reflexões sobre os temas cotidianos da academia e da sociedade. Como se sujeitar, sem lutas, às ameaças de extinção? A redução de bolsistas por grupo, o fim de taxas acadêmicas, de bolsas de pós-graduação e de professores visitantes davam início à extinção gradativa planejada. Com a força do coletivo, os grupos da UEM e do Brasil desencadeiam um movimento de articulação em uma luta pela sobrevivência.

A gênese do UniPET acontece em 1995, com a realização do I Encontro dos grupos PET/CAPES da UEM, que proporcionou maior integração e troca de experiências sobre as atividades desenvolvidas nos grupos. No ano seguinte, o II Encontro contou com a participação dos 11 grupos da UEM, que discutiram temas como “Ciência – definição e limites” e “Metodologia de ensino nas Universidades”, além da troca de experiências sobre metodologias e desenvolvimento dos trabalhos nos vários grupos, o que ofereceu subsídios norteadores para o incremento das atividades daqueles grupos recém-implantados. Ainda em 1996, os grupos da UEM enviaram representantes ao II Encontro

Paranaense de Grupos PET/CAPES na Universidade Estadual do Centro-oeste – UNICENTRO, em Guarapuava e, em 1997, ao III ENAPET – Encontro Nacional de grupos PET, por primeira vez concomitantemente à 49ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), na UFMG, em Belo Horizonte. Em 1998, representantes da UEM participaram do III Encontro Paranaense de Grupos PET/CAPES, realizado em Curitiba e organizado pela Universidade Federal do Paraná; do 5º ENESPET – Encontro Estadual dos Grupos PET do Rio Grande do Sul concomitante com o I SULPET – Encontro dos Grupos PET da Região Sul, em Florianópolis-SC; e do IV ENAPET em Porto Alegre (HIDALGO; CONRADO; SALES, 2005).

Se a troca de experiências e discussões eram os motes desses encontros, com as ameaças ao Programa, manifestações foram gestadas no seu seio e os documentos gerais são conhecidos, custodiados pelo grupo PET-Física-UEM em sua página web, link: PETreage, que se constitui na memória permanente desse período (NEVES, HIDALGO, 2005). Imprescindível para a rápida comunicação em todo o território criou-se o e-mail coletivo e lista de discussão PETbr que esteve abrigada durante anos na página web da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus de Ilha Solteira.

A partir da mobilização nacional pela rede, em 12 de março de 1998 houve a manifestação em Brasília, com caravanas de petianos de todo o Brasil contra o Ofício CAPES de 22 de dezembro de 1997, que instituiu o fim do Programa. Cerca de 400 participantes lá estiveram. Em 1999, manifestação ainda maior foi realizada, contando com aproximadamente 1500 estudantes, com grande repercussão, dada a coincidência com a visita do ministro da Namíbia, que chegava à rampa do Palácio do Planalto, no mesmo momento que os petianos manifestantes. Com isso, a mídia divulgou a pauta de reivindicações, houve o recebimento da comitiva no Congresso para audiência pública, entre outras conquistas célebre “caixão de protesto dos PET-UEM” lá estava. Em Maringá-PR e em outras cidades do país, uma série de manifestações de rua era desencadeada pelos participantes do Programa que não viajaram a Brasília. Com a insistência do MEC na ideia de extinção do Programa, contribuiu para o crescimento e amadurecimento dos petianos como cidadãos, que mostraram como se podia lutar contra as pressões governamentais e a favor dos direitos de cada um.

As ações políticas da comunidade avançaram e, fortalecidos pela grande mobilização nacional e apoio do Congresso Nacional, o ofício foi revogado, dando novo fôlego ao Programa. No ano 2000, quinhentos estudantes participaram de nova audiência pública em Brasília. Em 2001, moções de apoio ao PET foram manifestadas na reunião nacional da SBPC, consolidando passo fundamental para a preservação do Programa. Em 2002, quando Cristovam Buarque assume o ministério da Educação, o cenário se tornou ainda mais favorável para o Programa, o PET foi absorvido junto à Secretaria de Educação Superior (SESu) e pela Portaria nº 647/2002 passa a ser coordenado pelo Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino (DEPEM) da mesma secretaria Secretaria, do Ministério da Educação (MEC).

Mas, deve ser destacado que, entre 1999 e 2004, os tutores não recebiam bolsa e os alunos as tinham de forma incerta. Nenhuma taxa acadêmica foi enviada nesse período. Sujeito não só às alterações governamentais, mas também às substituições ministeriais, em 2004 o Programa novamente se vê às voltas com dificuldades em sua manutenção e ampliação, o que provocou a participação maciça no VII SULPET em Pelotas e, em

especial, no IX ENAPET, realizado em Cuiabá, ao qual a UEM levou a maior caravana, com aproximadamente 120 pessoas. A luta petiana não estava encerrada e os grupos PET do Brasil, tendo a UEM um importante papel de liderança e com seu “caixão de protesto”, novamente foram a Brasília. Participaram em mais uma Audiência pública, com cerca de meio milhão de estudantes reunidos.

Em 2004 o DEPEM decide fortalecer o PET, entendendo-o como um “instrumento forte” para o apoio e incentivo da graduação. A partir de 2005 o programa passou por um período de importante reestruturação, no qual foram estabelecidas metas para a sua consolidação e expansão. Embora cercado de dificuldades, a partir da Lei nº. 11.180, de 23/09/2005, fixou-se uma base legal para o PET, o que permitiu definir os meios para pagamento de bolsas de tutores e alunos com relativa periodicidade. Neste momento também houve a mudança de foco acompanhada da mudança do nome do programa, o qual passou a ser denominado Programa de Educação Tutorial, com propósitos de formar cidadãos mais críticos quanto às suas atitudes no contexto social, evidenciando a ênfase no indivíduo.

#### **4. Ações efetivas de integração ensino, pesquisa e extensão**

Nos anos iniciais do milênio 2000, a aparente calma em termos de movimento PET fez com que os grupos da UEM discutissem novas perspectivas para as ações a serem desenvolvidas coletivamente. As reuniões quinzenais às 18h das sextas-feiras se sucediam, mas os jovens ansiavam por novas iniciativas.

##### **4.1. Projeto cooperativas de recicláveis**

Em 2003, iniciou-se uma atividade coletiva informal dos grupos PET da UEM com as três Cooperativas de Material Reciclável de Maringá. Buscava-se a formação acadêmica global dos petianos, sua melhor qualificação como pessoas e como membros da sociedade, oferecendo benefício ambiental e contribuição social, viabilizando alternativas de geração de emprego e renda aos cooperados. Preocupando-se para não se tornar assistencialista, ideias foram postas em prática, entre elas: teatro sobre cidadania, ensino de reciclagem de papel, criação de codornas, cultivo de horta, confecção de detergentes, início de alfabetização dos cooperados, palestras sobre segurança no trabalho, progressão da cárie e doença periodontal, instruções sobre higiene bucal, além de vacinação contra tétano, hepatite B e febre amarela, estas em parceria com a Secretaria de Saúde-Prefeitura Municipal de Maringá.

Os grupos, diante da dificuldade das cooperativas em conseguir material, fizeram muitas campanhas na cidade sobre a importância de se separar os materiais que iam para o lixo, na tentativa de aumentar a demanda; forneceram informações às comunidades acadêmica e externa sobre os impactos ambientais causados pela deposição do material reutilizável na natureza; assessoraram condomínios residenciais situados no entorno da Universidade na programação e operacionalização da coleta seletiva; desenvolveram programas informativos e de orientação aos condôminos sobre o melhor destino para os materiais recicláveis provenientes do lixo doméstico; promoveram, junto a alunos de escolas públicas e particulares, uma discussão sobre a importância da reciclagem do lixo; e organizaram uma mostra, junto às comunidades universitária e externa, de produtos confeccionados com a utilização de materiais oriundos do lixo reciclável.

Além disso, supermercados foram mobilizados para utilizar sacolas diferenciadas, gestão foi feita junto ao Restaurante Universitário para alterar sua prática de disponibilizar copos de plástico descartáveis e substituí-los por canecas plásticas individuais por aluno.

Mas, a execução destas atividades foi se tornando muito difícil devido a inexistência de políticas públicas para a reciclagem do lixo na cidade e a falta de caminhões que recolhessem o material reutilizável nas residências e condomínios, o que ocasionou o desmantelamento das cooperativas. Desta forma, o projeto encerrou-se em 2006.

#### **4.2. Ciclo de atividades do UniPET**

A partir do ano de 2007, a organização das atividades desenvolvidas coletivamente pelos grupos participantes da União dos grupos PET da UEM foi sistematizada em um Projeto de evento de extensão denominado Ciclo de Atividades, com o objetivo de favorecer a integração entre os grupos do Programa de Educação Tutorial da UEM por meio de um trabalho multi e interdisciplinar e também promover, por meio das atividades de extensão, a integração da comunidade acadêmica com a comunidade externa. De 2007 a 2016 foram realizados nove Ciclos, cada um deles propondo e realizando atividades que atendessem demandas e peculiaridades de cada ano.

Desta forma temas importantes como o aquecimento global, qualidade de vida, sustentabilidade e a interação entre universidade e comunidade foram discutidos. O Ciclo envolve uma série de ações, que incluem: palestras, atividades em escolas públicas, na praça, programas veiculados na rádio UEM, mostra de cinema e apresentações culturais, todas centradas no assunto proposto para o ano em questão.

Com as nove edições do projeto Ciclo de atividades UniPET foi possível alcançar nosso maior objetivo que é o de promover a integração entre os grupos da UEM, bem como com a comunidade externa, numa perspectiva de discussão e reflexão sobre as várias temáticas propostas, qualificando assim o acadêmico para o exercício da cidadania e uma melhor atuação profissional.

#### **4.3. Programas na rádio UEM-FM**

A Rádio UEM FM 106,9 é uma emissora educativa que procura oferecer ao ouvinte uma programação musical diferenciada e com um jornalismo sério e dinâmico com atenção especial à UEM, à região e ao Paraná. A utilização do rádio como agente efetivo de extensão mostrou-se uma estratégia importante para as atividades dos Grupos PET da UEM considerando a importância que este meio de comunicação de massa ainda representa para uma grande parcela da população.

De 2008 a 2015, os Grupos PET em parceria com a Rádio UEM FM 106,9 MHz participam na programação desta emissora por meio de um programa denominado “Radio PET”. O programa destinado ao público em geral era apresentado todas as terças-feiras no horário das 10:00 às 10:25 horas, com duas repetições semanais (sábado as 08:30h e segunda-feira as 16:30h). Os programas foram apresentados no sistema de rodízio por ordem alfabética dos grupos, ou seja, primeiro será o PET Agronomia e o último será o PET Zootecnia. A participação dos grupos se deu, com apoio jornalístico da emissora, por meio da elaboração, produção, edição e locução de um programa que aborda temas afetos ao seu curso/grupo PET, com entrevistas, notícias gerais, variedades, ou seja, de informações que divulgassem o programa PET e as atividades dos respectivos grupos, de



utilidade pública, de caráter técnico e aquelas que possibilitem colocar a UEM à serviço da comunidade de seu entorno.

Os participantes - Grupos PET- tiveram a preocupação de tornar a linguagem técnico-científica acessível para o público em geral, o que possibilitou que as informações divulgadas fossem assimiladas pelos ouvintes. A parceria entre os Grupos PET da UEM e a Rádio UEM FM possibilitou que os grupos desenvolvessem atividades que se contextualizam com os objetivos norteadores do Programa, ou seja, indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão, como promoção de integração da comunidade universitária e comunidade em geral, colocando o petiano como agente participativo na melhoria da sociedade da qual participa.

## 5. Tecendo considerações

Procuramos assim, por meio dos documentos e das ações descritas acima, demonstrar que a educação tutorial, centrada no indivíduo e na sua interação com a comunidade e com a sociedade, busca resgatar aquilo que está esquecido na universidade operacional: a formação integral do acadêmico.

No sentido da construção da cidadania, relacionada com a abordagem crítica do modelo, da compreensão de que a formação superior não pode ter como eco apenas a ascensão social individual, mas como o compromisso de formação de cidadãos aptos a efetivamente contribuir para, de posse da sua visão holística, uma sociedade mais coerente, em todos os aspectos. O aluno integrante do grupo é inserido em uma dinâmica inovadora, para transformar a sua formação em nível de graduação, tendo como eixo de ação o desenvolvimento de atividades extracurriculares, mediante tutoria (NEVES, 2003). Estas atividades integram ensino, pesquisa e extensão, e têm como objetivo central construir um profissional situado social e historicamente na sua sociedade (SILVA et al., 2010). Dentro do grupo, busca-se o exercício da educação tutorial conforme estabelecido por Freire (2006), segundo o qual a educação não é apenas a reprodução do conhecimento.

Desde o seu início, o grande desafio do PET foi delinear as ações necessárias e eficientes à busca dos seus objetivos, centrados na formação individual de qualidade. A indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão sempre foi elemento central neste processo, mas, para além dela, as ações que permitam a formação de um indivíduo com suas habilidades individuais desenvolvidas, bem como a sua consciência crítica e a sua compreensão da responsabilidade social inerente à sua trajetória, são imprescindíveis. Este é o desafio do tutor: conhecer e compreender a diversidade de perfis individuais integrantes do grupo e fixar a trajetória para que o grupo desenvolva suas atividades concomitantemente ao desenvolvimento individual. Isto começa no processo de seleção, quando é importante incorporar ao grupo perfis distintos, de forma a que eles se confrontem, em certo nível e que se completem, proporcionando oportunidades múltiplas a todos.

O conjunto de alunos que ingressam no curso de graduação é um universo amplo, embora estes indivíduos tenham sido conduzidos até então dentro de uma sociedade que fixou este cenário relativamente comum a todos. Assim, o PET tem início no processo de seleção, quando então se deve procurar selecionar diferentes perfis individuais, para compor um grupo heterogêneo, de forma a que a pluralidade de ideias e percepções seja, por si mesma, um agente desafiador, a impor a todos a necessidade de ter as suas percepções, compreender que outros tem outras percepções, diferentes das suas. A partir daí surgirá a

necessidade de se construir argumentos e utilizá-los em defesa das suas ideias e, concomitantemente, a capacidade de compreender que outros terão outros argumentos, a defender outras ideias, e que é necessário muita negociação, para se viver em um ambiente coletivo.

Estes jovens devem ser estimulados e orientados a sair da região de conforto e buscar uma visão mais abrangente do universo que os cerca. Conforme o mito da Caverna de Platão devem romper as barreiras que os faz ter uma visão restrita do todo e serem capazes de enxergar com mais amplitude. Este é um grande desafio para o tutor: liderar o grupo na construção deste caminho para o conhecimento que liberta. Neste caminho, é essencial evitar a especialização prematura, buscando a formação do petiano de acordo com a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, com exercício da cidadania e responsabilidade social.

Atualmente, diante do cenário de incertezas econômicas e políticas que rondam o país, permanecemos em constante vigília sobre as questões que envolvem o Programa, a luta pela sua manutenção é diuturna, queremos que ele sobreviva, mas, mantendo as qualidades que lhe permitiram sobreviver ao longo destes todos anos.

## References

- Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria n. 343, de 24 de abril de 2013. Diário Oficial da União, Brasília, DF: MEC, 2010. Seção 1, página 24/25. Acessado 7 de maio de 2015.
- Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria n. 976, de 27 de Julho de 2010. Diário Oficial da União, Brasília, DF: MEC, 2010. Seção 1, página 103/104. Acessado em 7 de maio de 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Lei nº. 11.180, de 23 de setembro de 2005. Brasília, DF: MEC, 2005. Acessado 7 de maio de 2015.
- da Silva, T. L. G., D'andréa de Andrades, B., Scarparo, H. B. K., and Pizzinato, A. (2013). A educação tutorial–reflexão de docentes sobre suas práticas. *Revista Educação em Questão*, 39(25).
- de Moura, C. (1999). PET: houve distorções? *Jornal da UNESP, Marília*. nº 141.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Martin, M. d. G. M. B. (2005). *O Programa de Educação tutorial-PET: Formação ampla na graduação*. PhD thesis, Universidade Federal do Paraná.
- Müller, A. (2003). *Qualidade no ensino superior: a luta em defesa do Programa Especial de Treinamento*. Garamond.
- NEVES, M. C. D. (2003). O processo pet: correspondência de uma guerra particular. *Maringá: Massoni/LCV Edições*.
- Neves, M. C. D. and Hidalgo, M. M. (2005). Reinventando a graduação–os grupos do programa de educação tutorial (pet) da uem. *Editora Massoni*.